



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

VIVIANE ROCHA RESENDE

UM OLHAR SEMÂNTICO SOBRE O CONTO
***UM ALMOÇO*, DE MACHADO DE ASSIS.**

Brasília - DF
2006

**UM OLHAR SEMÂNTICO SOBRE O CONTO
UM ALMOÇO, DE MACHADO DE ASSIS.**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília (UNICEUB/ICPD), como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Texto e Discurso.

Orientadora: Professora M.Sc. Maria Aparecida Silva de Abreu.

**Brasília/junho
2006**



Este trabalho trata do conto *Um almoço*, de Machado de Assis, cujo enfoque é o dado pelo Realismo. Empregando a Semântica Discursiva como base para a análise e para o estudo do texto, pretende-se, neste trabalho, mostrar a força e a riqueza da significação das palavras e das frases e suas relações dentro do texto. A ironia, que aparece neste conto com uma das figuras fundamentais na construção semântica do texto, é o tema deste estudo e é tratada levando-se em conta o quadro histórico e social em que foi escrito o conto; a linguagem, o sujeito e as formações discursivas dos personagens, tudo isso é considerado para a elaboração deste trabalho. Como ponto de investigação procura-se delimitar, numa leitura mais atenta, as marcas lingüísticas da ironia presentes no texto e a possibilidade de uma leitura pautada nessas marcas e no conceito de ironia. A narrativa de Machado de Assis traduz um conhecimento da alma humana, o que é estudado neste conto, tomando, para tanto, além das marcas lingüísticas, palavras e expressões, a composição textual como um todo. O entendimento dado ao texto foi o alcançado com os recursos disponíveis: leitura, pesquisa, compreensão e interpretação do conto lido.

Palavras-chave: Semântica Discursiva; Ironia; Machado de Assis.



This work is about Machado de Assis short story “A lunch” whose focal point is the realism. It was also used to accomplish this work the Discursive Semantic as basis for the analysis and text study. The aim of this work is to present the power and the richness of the words and sentence’s significance and their relation throughout the text. The irony, which appears in this story as the main figure of the semantic construction, is the theme of this study and it is observed considering the historic and social scenario in which this story was written: the language, the subject and the discursive building of the characters, all was considering for the elaboration of this work. As an investigation point it was sought to delimitate, in a more attentive reading, the linguistic irony marks presented in the text as well as the possibility of a more focused reading in those marks and irony concept. Machado de Assis narrative translates a deep knowledge of the human soul, which was studied in his story, besides the linguistics marks, words, expressions and the textual composition taking as whole. The understanding gave to the text was reached with the available resources, reading, research, comprehension and interpretation of the story.

Key words: Discursive Semantic; Irony; Machado de Assis,



CAPÍTULO 1	INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 2	SIGNIFICAÇÃO E IRONIA	05
	2.1 Leitura, significação, implícitos e ideologia	05
	2.2 Ironia	10
	2.3 Resumo de <i>Um almoço</i>	11
	2.4 Considerações gerais sobre Machado de Assis e sua obra	13
CAPÍTULO 3	UM ALMOÇO: UMA VISÃO SEMÂNTICO-DISCURSIVA	16
CAPÍTULO 4	CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	5	36
ANEXO 6	CÓPIA DO CONTO <i>UM ALMOÇO</i>, DE MACHADO DE ASSIS	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do conto *Um almoço*, de Machado de Assis, em o que o autor busca a objetividade e vale-se dela – da suposta objetividade – para construir seu texto. Esse enfoque objetivo do mundo, segundo Moisés (1995), é preconizado pelos realistas. Os autores da época buscaram substituir os sentimentos excessivos de amor, generosidade, gratidão, afeição e entrega do Romantismo, pela razão. Essa é a pretensão do Realismo literário. Os autores realistas, como Machado de Assis, buscavam livrar-se de idéias preconcebidas e representar com precisão e riqueza de detalhes aquilo que observam.

O realismo de Machado de Assis, que busca apenas narrar os fatos – mostrá-los –, tem seu ponto forte na ironia sempre presente como técnica narrativa. *Um almoço* não é diferente. Descobrir entre as linhas desta obra o humor e a ironia que se percebe apenas com uma leitura detida e concentrada é o ponto forte deste trabalho. Ler e reler e, a cada nova leitura, descobrir ou redescobrir os personagens, mais um detalhe, mais um traço significativo.

O narrador-enunciador segue com o distanciamento próprio de quem apenas vê os fatos, sem se envolver. Como, então, se constitui a ironia nesse texto? Essa é uma das perguntas que este trabalho pretende responder.

Machado de Assis, em *Um almoço*, usa uma linguagem com muitos adjetivos, enriquecendo semanticamente a estrutura do conto. Talvez um leitor desavisado não perceba a sutileza da ironia de Machado nesse conto, ironia que aparece como uma das figuras fundamentais na construção semântica do texto.



Uma leitura mais acurada deixa entrever, na dualidade da narrativa – dois personagens, duas vidas –, esse tom irônico que, por vezes, se torna até mesmo cruel. Esse “tom” é comum em boa parte da obra machadiana. Algumas vezes Machado é sutil nas observações feitas quanto aos costumes sociais, políticos e econômicos da época e na narrativa da natureza humana, outras vezes, é bastante contundente nas suas críticas.

Empregando a Semântica Discursiva como base para a análise e para o estudo do texto, pretende-se, neste trabalho, mostrar a força da significação das palavras e das frases e suas relações dentro do texto. Elas se ligam para construir efeitos de sentido e criar a ironia que marca o conto. As palavras, frases e expressões são consideradas como um conjunto e não isoladamente.

A ironia é tratada tendo-se em conta o quadro histórico e social em que foi escrito o conto. A linguagem e o sujeito têm sua historicidade e isso é considerado. Partindo da ambientação histórica traçada por Machado de Assis no conto – os costumes, as atitudes dos personagens e demais aspectos inerentes à época narrada –, constroem-se os sentidos do texto e distinguem-se as marcas lingüísticas da ironia presentes nele.

As formações discursivas dos personagens aparecem claramente em relação ao ocorrido, elas são marcadamente diferentes, o que também é explorado nesta investigação. Considera-se aqui que não basta se ater ao momento de construção da leitura, à busca da construção dos sentidos pelo sujeito-leitor, é necessário ainda o reconhecimento da importância da historicidade da linguagem e do momento de produção do texto, pois aí também se apóia o leitor enquanto constrói os sentidos do que lê.

Sempre que um indivíduo se instala na linguagem, apropriando-se dela como sujeito de um discurso, insere-se aí a ideologia. Falando ou escrevendo, ele toma para si o ato da enunciação para propagar seu discurso, que é ideológico. Questionando a linguagem desse ponto



de vista, é possível ao leitor se tornar mais crítico e passar a ler obras de um autor como Machado de Assis – ou outros textos – com maior desenvoltura e consciência crítica.

Fazer o que poder-se-ia chamar de uma boa leitura de um conto como *Um almoço* requer, como pré-requisito, um certo conhecimento sobre o momento sócio-histórico de produção do texto, que pode ser, sem dúvida, adquirido, mas importa também a historicidade do próprio sujeito: sua relação com os textos em geral, com a Literatura, com mecanismos lingüísticos como a ironia, nesse caso, de suma importância para um entendimento mais amplo do texto. Uma única leitura, um único olhar é pouco. Ler e reler é fundamental para se tentar chegar ao âmago desse conto. Daí a importância de se estudar mais profundamente uma obra como essa e trazer à tona suas nuances e seus mecanismos de construção dos sentidos.

Este trabalho tem por tema, então, a ironia como importante efeito de sentido na leitura do conto *Um almoço*, de Machado de Assis. O **objetivo geral** é mostrar como a ironia se constitui como efeito determinante para a construção dos sentidos numa leitura do conto *Um almoço*, de Machado de Assis. Os **objetivos específicos** são: encontrar marcas textuais da ironia nesse conto, tendo como fator determinante o paralelismo conceitual dos dois personagens em relação ao encontro que os aproxima: o almoço; e evidenciar a possibilidade de uma leitura do conto em questão, que seja pautada nessas marcas e no conceito de ironia que será formulado aqui. Para atingir tais objetivos, foram cunhadas duas **questões de pesquisa**, que são:

1. Com base no paralelismo conceitual dos dois personagens em relação ao evento que inicia a narrativa, quais são as marcas textuais da ironia em *Um almoço*?
2. Como poderia ser uma leitura desse conto a partir das marcas lingüísticas da ironia traçadas neste trabalho?



Esta é uma investigação de cunho bibliográfico, visto tratar-se de trabalho de análise de texto já publicado. Isso, visto que conforme a constituição do objeto é que se configura qualquer pesquisa. Com base na leitura dos textos dos teóricos acima citados, faz-se a reflexão dialética sobre o conto *corpus* deste trabalho. Essa reflexão é fundamentada na Semântica Discursiva que fornece a base teórica para sua leitura, considerando a significação como um processo de construção dos sentidos que envolve as formações discursivas e ideológicas do autor e leitor diante do texto, suas historicidades, a historicidade da linguagem e o contexto.

Para isso, essa investigação se apóia em autores como Orlandi (1996), que propõe um leitor inscrito no texto – leitor virtual – e um leitor real, que se chocam no processo de interação pela leitura; em Koch (2000), que considera a linguagem como ação e interação social e para quem os sentidos são construídos no processo de interação; em Althusser (1996) e Orlandi (2005b), que tratam da interpelação do sujeito pela ideologia; em Bakhtin (1992), que postula o dialogismo lingüístico e sobre os gêneros do discurso; em Geraldi (1997) e Orlandi (2005a), que tratam da questão da construção dos sentidos pelo sujeito e da historicidade da linguagem e outros autores da área. E o conto *Um almoço*, do ponto de vista literário e histórico, considera: Reale (1982), Faoro (1974) e Moisés (1995), além de outros.

SIGNIFICAÇÃO E IRONIA

Este capítulo se subdivide em quatro seções, quais sejam: Significação, implícitos e ideologia; Ironia; Resumo de *Um almoço*; e Considerações gerais sobre Machado de Assis. Com isso, pretende-se dar um panorama geral da teoria em que se fundamenta esta análise e do conto analisado.

2.1 Leitura, significação, implícitos e ideologia

Como ponto de partida, nesta seção discorre-se sobre a significação, dados os efeitos de sentidos que as palavras apontam, dados seu uso e combinação no texto e sua historicidade, e que auxilia o leitor em sua leitura, em determinado contexto ou em determinada situação.

Toda enunciação é dotada de significação, segundo Bakhtin (2004). A enunciação é o ato de dizer (cf. também Benveniste, 1995), que se faz em determinado contexto histórico-social e particular do sujeito-autor, ou seja, conforme as condições de produção do discurso. Não se pode determinar adequadamente o sentido de um enunciado considerando somente o próprio enunciado. O que o autor escreve, a combinação dos significantes, as relações discursivas do texto com outros, só se faz em dadas circunstâncias e não em outras.

Segundo Bakhtin (op. cit.) o tema da enunciação é, na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. O enunciado pode se repetir, mas a enunciação não. Quando se repete um enunciado, o sujeito do discurso já não vai encontrar as mesmas características de outros momentos em que ele foi expresso, ou seja, de enunciações anteriores. A



cada nova enunciação, um novo sentido acaba por se estabelecer, dependendo da situação histórica concreta, que Bakhtin chama de situação histórica em escala microscópica. A significação depende da situação, o leitor constrói os sentidos do que lê com base no dito e nas condições de produção do discurso. A significação só se faz em determinado contexto, que é lingüístico e extralingüístico. Bakhtin (2004, p.129) diz: “E por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos”. E afirma:

A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social e a evolução do horizonte apreciativo – no sentido da totalidade de tudo que tem sentido e importância aos olhos de um determinado grupo – é inteiramente determinada pela expansão da infra-estrutura econômica. (BAKHTIN, 2004, p.135)

Para esse autor, a língua não é algo abstrato e a semântica da língua muda de acordo com as mudanças que ocorrem em dado social, ou seja, uma comunidade lingüística interfere na mudança dos sentidos do que é dito. Mesmo as condições econômicas de um grupo social, que muitos podem pensar não ter relação com a leitura, determinam o modo como esse grupo vai considerar a linguagem: sua importância e seu sentido social. A construção dos sentidos depende de tudo o que interfere na vida desse grupo. Desse modo, por exemplo, a maneira como é visto hoje o conto *Um almoço* de Machado de Assis é diferente da maneira como ele foi visto e entendido no momento de sua produção. Também se distinguem em cada momento do texto, quando Seixas não tinha dinheiro nem para almoçar e quando ele já estava bem de vida, por exemplo, distinções na interlocução e nas relações entre os personagens.

Considerando a posição de Bakhtin, seria diferente também a maneira de uma pessoa de dada classe social, pertencente a dado grupo, perceber um texto, de uma pessoa de outra classe social, pertencente a outro grupo. Daí pode-se considerar, nas relações autor-texto-leitor, que das condições de produção de leitura, e não apenas das condições de produção do texto, depende a



construção dos sentidos por parte de quem lê. A significação depende tanto da produção do texto quanto da produção da leitura. Numa interlocução, com as que ocorrem entre Seixas e Marques, no conto machadiano, há diferença no modo como um entende o que o outro diz, conforme o que cada um deseja do outro: distância ou aproximação, independência ou dependência.

Considerando a ideologia a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, (Orlandi, 2005, p. 46), o sentido que se busca encontrar nos textos machadianos, e com destaque para o conto *Um almoço*, que é objeto deste estudo, tem por base a interpretação das evidências, das reticências, das palavras ditas, mas não sentidas pelos personagens, e das palavras apenas pensadas, mas não exteriorizadas por eles. Quando Seixas é reticente, não fala, deixa no ar as palavras, quando expressa para Marques o contrário daquilo que pensa, e mesmo Marques, quando se expõe publicamente, expondo também Seixas, se constituem como sujeitos desses discursos. O dito é diferente do pensado em um caso, no outro, o dito parece ser o que é pensado, mas, em ambos os casos, a ideologia se revela pela voz do narrador. A narrativa deixa entrever o que os personagens pensam um do outro e o seu sistema de pensamento, de crenças e de símbolos.

Segundo Thompson (1995), muitos estudiosos da ideologia costumam entendê-la como sistemas de pensamento, de crenças ou simbólicos que permeiam as práticas sociais, inclusive, as práticas políticas. Aparece desse modo a ideologia de cada personagem, suas condições materiais de existência, as suas possibilidades lingüísticas, suas historicidades, suas formações sociais, culturais, um todo que forma cada um deles e que, por conseguinte, forma o discurso de cada um deles. Tudo isso faz parte das condições de produção de seus discursos.

A construção dos sentidos é assim uma relação determinada pelo grupo social, e conforme a posição histórica e social de onde fala/ouve o sujeito, afetado pela língua, e por sua



historicidade. É no ato de interpretar que se realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é uma marca da alteridade entre os interlocutores, do dialogismo da linguagem, que jamais é neutra ou imparcial. Ao mesmo tempo, é um traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2005, p. 47). Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.

Uma expressão pode, sem prejuízo de seu sentido, assumir uma outra significação, que também é real, resultante da exploração de informações e expectativas dos interlocutores. Neste caso em estudo, expressões usadas pelo autor e compreendidas pelo leitor, que traz uma carga de conhecimentos e capacidade de interpretação que abrangem mais do que simplesmente as palavras escritas, mas alcançam um sentido maior, podem ser encontradas com frequência.

Conforme Ilari e Geraldi (1995, p.76):

“comparada com a pressuposição, a implicatura tem a sua especificidade; enquanto no processo de compreensão de um conteúdo pressuposto a estrutura lingüística nos oferece todos os elementos que nos permitem derivá-lo, ao contrário, derivamos implicaturas do discurso do nosso interlocutor ou a impingimos a quem nos ouve”.

O que está implícito, tácito, subentendido, contido na proposição, mas não expresso formalmente, é uma maneira de expressar desejos, informações, pedidos.

Conforme diz Koch (2002, p. 27):

Para o reconhecimento do implícito, faz-se necessário que o ouvinte tenha condições de reconhecer no enunciado a forma particular sob a qual a proposição vem expressa. Por isso, o falante lhe dá indicações que permitam esse reconhecimento, é o modo do mostrar, do indicar, do implicitar que constitui a **forma** do enunciado. A significação se dá, portanto, sob dois modos distintos: o da **mostração** (implícito) e o da **representação** (explícito), que correspondem à diferença entre o **mostrar** e o **dizer**, a que se fez referência.

No texto em análise, as mostras de Seixas são claras, são evidentes a falta de paciência, a falta de tempo, a falta de boa vontade em seus gestos, tudo é extremamente óbvio



para o leitor, extremamente fácil de ser percebido, mas mesmo assim Marques se mantém firmemente agarrado a uma demonstração primeira de reconhecimento e de gratidão, demonstração essa que parece ser a única coisa que ele guardou do “amigo”, e que dela não quer de forma alguma se separar.

As promessas aparentemente feitas no início do conto de uma amizade eterna, de um reconhecimento sem fim duram um curto espaço de tempo; o que era, a princípio, um ideal de vida, para toda uma vida, acaba se resumindo em poucos meses de grande proximidade e atenção, logo em seguida as manifestações diretas e indiretas que Seixas dá a Marques já não traduzem os mesmos sentimentos do início do conto. Se conveniente ou não, a leitura que Marques faz das palavras pronunciadas por Seixas e das muitas atitudes ao longo da vida dos dois, o certo é que Marques considera Seixas seu amigo e não muda de atitude em relação a ele, considera-o de maneira semelhante. Mesmo passados anos do fatídico almoço, ainda cobra e busca mostrar que é o responsável pela “salvação” do “amigo”: “ – O Seixas? é o meu maior amigo; conhecemo-nos há longos anos; sempre o mesmo. Verdade é que de certo tempo em diante deve-me tudo.” (ANEXO, p. 141)

Sobre os implícitos, Koch (2002, p. 23) afirma:

A distinção entre dizer e mostrar permite penetrar nas relações entre linguagem, homem e mundo: é sob esse aspecto que se torna possível falar de ideologia na linguagem. A enunciação faz-se presente no enunciado através de uma série de marcas. É por meio delas – marcas lingüísticas que são – que se poderá chegar à macrossintaxe do discurso, o que constitui o objetivo da Semântica Argumentativa.

Como interlocutor, Marques não alcança, ou não tem pretensões de alcançar, o significado das palavras de Seixas. Algumas vezes essas palavras não são totalmente claras, mas ditas de maneira a fazer com que um bom entendedor, capaz de perceber implícitos, possa traduzi-las e entendê-las de acordo com a intencionalidade do autor. Seixas fala e deixa marcas



em sua fala e em suas atitudes sobre como pretende ser entendido. Ele não tem coragem de dizer explicitamente o que pensa – no íntimo parece entender que Marques, por acaso, foi responsável pela mudança para melhor em sua vida –, no entanto, mostra, pelo modo como se relaciona com Marques, que a cobrança e a aproximação deste é forçada e exagerada, pois está sempre a lembrá-lo – e a tantos outros – do almoço e do emprego, ou seja, de sua “salvação”. Quando Seixas diz que não tem tempo ou mesmo que havia se esquecido de convidar o amigo para a festa em sua casa, ele estava buscando dizer que não o quer por perto, que não deseja a sua companhia. Tudo isso, na verdade, está implícito nas suas palavras, nos seus gestos, no contexto. Nessa situação, seria, para a maior parte das pessoas, uma leitura mais do que clara, óbvia mesmo das intenções de Seixas, mas não para José Marques.

2.2 Ironia

Segundo o Dicionário Aurélio, ironia “é o modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem.” Já de acordo com Houaiss, ironia “é a figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou de frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empregado para definir ou denominar algo (a ironia ressalta do contexto).”

Na ironia, nesse caso, o dito, o explicitado, pode ser considerado um tipo de marca de implícito, que somente vai se revelar pelo contexto. É o contexto que vai determinar como o dito deve ser entendido (cf, Koch, op, cit.). Utilizando inteligentemente os contrastes, Machado de Assis cria a ironia e ao mesmo tempo ressalta certos efeitos humorísticos ao narrar a convivência de Seixas e de Marques. No não claramente dito, no implícito é que está a ironia maior do conto.



Ao mostrar o que um e o outro personagens pensam, sem que um e outro saibam, é que Machado nos leva a conhecer detalhes que se tornam risíveis ao leitor. No conto *Um almoço* é no jogo de palavras utilizadas pelo autor, quando cria situações embaraçosas e constrangedoras para Seixas, que pronuncia as palavras ouvidas por Marques, mas que tem no íntimo um pensamento completamente diverso daquilo que ele fala, que se encontra a ironia. Marques entende sempre e apenas o dito. O ditado “para bom entendedor meia palavra basta” não se aplica a ele. Marques não é capaz de ver os implícitos, mas somente o que é explícito. Essa parece ser uma opção desse personagem, para não perder sua privilegiada posição de herói, de salvador da vida de Seixas.

É desse modo que se constrói no conto a ironia. Ela se revela exatamente por trás do dito, no pensado, no contexto, está implícita. É o que Machado nos oferece: sua ironia é sutil. Os comportamentos são máscaras. No caso de Seixas, a máscara revela uma “cara”, um sujeito que não é o que parece. No caso de Marques, o rosto por trás da máscara parece nem mesmo existir. O pessimismo em relação à verdadeira relação entre as pessoas inexistente no conto. Até mesmo o encontro de Seixas e Marques na calçada, no início do conto, ocorre por acaso. Tudo, incluindo a ironia das palavras e da vida, mostra a impossibilidade de o ser humano conhecer a verdade.

2.3 Resumo de *Um almoço*

O conto *Um almoço* (cópia anexa), conta a história de dois personagens que se encontram por acaso. Numa fresca e pura manhã de inverno, no Passeio Público, um homem caminha solitário. Esse passeador matinal é Germano Seixas, que, mal trajado, pálido e abatido, caminha cabisbaixo e triste. Encontra-se em um dilema: ou come ou morre. Nesse momento, um conhecido passa e o vê, mesmo tentando se esconder, o outro o vê e se aproxima e travam um



diálogo a princípio pontilhado de reticências por parte de Seixas e que acaba se desenvolvendo por insistência de Marques.

José Marques, o amigo que chegou, pergunta como Germano está e este, com certa inveja, por ter visto que o outro já almoçara, e também desesperado, acaba contando a sua real situação de penúria. José Marques se propõe a ajudá-lo, não aceitando as escusas do outro, muito menos a possibilidade de que ele se matasse, o leva a um restaurante e paga-lhe um almoço, durante o qual, com palavras de ânimo e de incentivo, consegue dissuadir Seixas da idéia inicial, tirando-lhe do pensamento a idéia do suicídio que antes o atormentava.

A partir desse momento, a vida de Seixas se transforma totalmente, dia após dia os acontecimentos vão se sucedendo, num encadeamento perfeito de sucessos de todos os lados: financeiro, social, pessoal. Compra roupas novas, começa a trabalhar, é benquisto pelo seu chefe – e, diga de passagem, emprego conseguido por Marques, com o reforço de palavras de que estava contratando mais do que empregado, mas um grande amigo seu – retoma seu lugar na sociedade, corrige a destruição que o antigo modo de vida estava conseguindo fazer em sua pessoa e como última decisão, depois de certificado de que não correria riscos de voltar à antiga vida, toma para si a incumbência de cuidar verdadeiramente de uma filha de 15 anos de idade que teve com uma mulher com quem não se casou naquela época e com quem agora decide se casar. Seixas cresce em todos os sentidos, mas com a sombra de Marques a persegui-lo com a perseverança que só ele tinha.

Os anos passam e os dois continuam se encontrando, mesmo a contragosto de Seixas, que foge dele como pode, mas Marques, sempre fiel ao amigo, não nota ou finge não notar o que o outro sente e Seixas, pelo seu lado, nunca se expressa em palavras diante do amigo, seja como for ele não entende ou parece não entender que o outro não o quer tão próximo.



Afinal, Marques perde a mulher, que era o único ente sobre a face da terra que ele tinha, e então passa a habitar mais a casa de Seixas do que a própria. Um dia resolve pedir a mão da filha de Seixas em casamento, para espanto do pai, que não soube dizer em palavras, mas apenas demonstrando seu espanto diz que na pode conceder sua filha em casamento. Magoado, ressentido com o amigo, Marques cede logo em seguida e voltam à convivência de antes.

Encerrando o conto, Machado faz com que o personagem de Marques se una definitivamente à Seixas, indo morar na casa deste, nessa ocasião Marques já se encontrava pobre, sem bens – os havia perdido no correr da vida – então termina seus dias em “um quarto escuro, em um recanto da casa” até adoecer e morrer.

2.4 Considerações gerais sobre Machado de Assis e sua obra

As considerações feitas nesta parte do trabalho são retiradas de Maya (1982). Maya é um estudioso da literatura machadiana e por isso é considerado aqui. É uma visão literária de Machado e, portanto, assim deve ser considerada. Segundo Maya (1982, p. 344), é notável como Machado de Assis parece se deleitar em revelar o ridículo de seus personagens, ora numa paráfrase mordaz, ora numa redução brincalhona da natureza. Isso é feito quase sempre na realidade individual, falha e má, indiretamente estudada, com profundidade, sem fé, sob aparências de sensatez, de virtude e de dever. Daí ser o escritor classificado por alguns, com razão, entre os grandes humoristas.

Partindo de uma possível opinião de que tudo é impostura e vaidade e praticando idêntico método na representação literária do mundo e da vida, Machado de Assis mostra originalidade e profundidade na concepção da natureza. Esse autor é mais expressivo como



pessimista, não mostra crer na vantagem das reformas sociais nem na eficácia do esforço, individualmente considerado. A frustração é uma perspectiva previsível e o egoísmo, a motivação dos atos humanos. A natureza, parece concebida por Machado como um complexo de forças cegas, portanto, ele não põe o ser humano acima da natureza bruta, nem concebe que seu conflito com ela o aperfeiçoe, atenuando-lhe a bruteza.

Ainda conforme Maya (1982, p. 346), o senso de humor em Machado de Assis aflora depois dos quarenta anos de vida, quando ele chegou a um despojamento total, quando tudo se tornou relativo, contingente. As suas criaturas – seus personagens – perdem a direção, vivem sem quê nem para quê. Machado, um pessimista, mas não um revoltado com a vida, parece vê-las como elas seriam fora de seus textos, no mundo “real”. O autor teria perdido a confiança nos homens, ou pelo menos nos sentimentos, já não teria ilusão sobre a humanidade, seria um observador gratuito, com um raciocínio implacável. Tudo se faz conforme as constantes teorias deterministas de sua época: é assim em *Um almoço*, em que o encontro dos personagens se dá ao acaso, sem prévio agendamento, mas parece determinado pelo destino.

Como integrante do Realismo, Machado de Assis apenas narra os fatos, não demonstra tendências de se aproximar – no caso do conto analisado aqui –, de um personagem ou outro. Parece não haver envolvimento do autor com suas criações. Machado possuiria, de acordo com Maya (op. cit.) uma personalidade de cunho trágico, havendo penetrado na essência dolorosa da vida, destruído as aparências. O mundo em seus textos é regido por dor e maldade. Mergulhando na essência das coisas impõe-lhes um olhar decidido, consciente de que a sua atividade não pode mudar em nada a eterna essência das coisas. Por isso ele apenas mostra os fatos a seus leitores.



Machado seria um pessimista sem angústia e sem desespero, inclinado a ver as coisas do mundo com todas as características da ironia. Ele reconheceria que, apesar dos pesares, vale a pena viver, mas viver o drama da existência quando se sabe ser, ao mesmo tempo, protagonista e espectador da fria indiferença do destino, mesmo sabendo que a vida não conduz a nada de certo ou de positivo: ela vale como drama e espetáculo. Reale (1982) concorda com Maya (op. cit.). Para ele, “a ironia machadiana nasce dessa “valoração da vida” (note-se que não digo: valorização da vida) segundo o ponto de vista de um “observador imparcial”, que se põe “além da vida”, falando como “póstumo”, embora não creia seja a alma “imortal” (REALE, 1982 , p.12). A vida, para Machado, não seria valorizada, mas valorada, medida, seria algo sobre o qual se emite juízos de valor. Machado mostra a vida e a aprecia tal ela lhe parece.

CAPÍTULO 3

UM ALMOÇO: UMA VISÃO SEMÂNTICO-DISCURSIVA



Com o propósito de analisar o conto Um almoço¹, de Machado de Assis, toma-se como importante provocador de diferentes sentidos, o que se tem como linha mestra deste estudo, a ironia. Para a construção do efeito de sentido irônico neste conto, Machado de Assis é sutil e bastante elegante, usando as palavras como meio de convencer o leitor, ele chega, algumas vezes, a ser cruel. Palavras ou gestos de seus personagens são usados para descrever os sentimentos humanos em geral. O conto tira o máximo de proveito desses recursos, explorando as dissimulações do espírito ou da alma humana. É como se as características humanas fossem cooptadas para dentro do texto. Com seu estilo peculiar, Machado esmera-se em cultivar as minúcias particulares e expressivas, mostrando as particularidades da vida e do mundo.

Como está no resumo do conto, a narração centra seu foco no encontro que une dois antigos conhecidos até a morte de um deles, após longos anos de convivência. Há muito eles não se viam e voltam a se encontrar, por acaso, em uma manhã de um dia comum, que, para um deles, era encarado como seu derradeiro dia de vida. Sem emprego, sem perspectivas, desolado com a vida, Seixas está decidido a dar cabo de si. O outro personagem, José Marques, está de bem com a vida, “corado, satisfeito, em paz com a natureza” e, sem entender bem o que se passa, leva o conhecido para almoçar, prestando-lhe um favor que seria cobrado até seus últimos dias de vida.

Por aí, percebe-se a maestria com que Machado de Assis cria a história do encontro e da convivência desses dois personagens durante e após o fatídico almoço. Naquele dia, um deles começa a sua ascensão financeira e social. O outro, pouco a pouco, vai decaindo, entregue à certeza de que estará por toda a vida amparado pela gratidão do “amigo”. Ele mostra – ou finge –

¹ O conto está anexo a este trabalho, portanto, o que é citado durante análise são apenas os números das páginas em que se encontra cada excerto retirado.



a absoluta convicção de que pode contar com a eterna boa vontade daquele que teve sua vida resgatada pela sua “memorável” generosidade.

No início, Germano Seixas se mostra grato, mas depois, com as cobranças constantes de José Marques, ele se cansa disso. Vejamos abaixo duas ocorrências em que Germano Seixas se mostra grato a José Marques:

Seixas sentiu-se enternecido ao ouvir aquelas palavras de José Marques. Aceitou a mão que este lhe estendeu e apertou-a entre as suas. Na pálpebra fatigada fulgiu uma lágrima de gratidão.

– Marques! Exclamou ele com a voz trêmula. Ainda tenho um amigo. (...) (p. 124)

No corredor do hotel, Germano disse a José Marques:

– Deste-me a vida; sinto agora que era uma loucura o que ia fazer. Com que expressões te agradecerei tamanho benefício? (p. 126)

O paralelo traçado por Machado de Assis entre essas vidas é o foco deste estudo e também a construção no texto do perfil/caráter de um e de outro personagem. O uso de adjetivos nessa caracterização e dos momentos vividos marca semanticamente esse paralelo e todo o conto. José Marques aparece como o personagem que necessita da atenção e do reconhecimento geral para sobreviver. Já Seixas se apresenta mais prático e racional.

Para ilustrar isso, podemos tomar do conto, por exemplo, alguns trechos em que há ironia:

José Marques abriu os braços a Seixas, que o chegou ao peito com a mesma ternura com que abraçaria um jacaré. Mas, alegrando-o a notícia, havia em seu rosto uma expressão de bem-aventurança que o amigo saboreou deliciosamente. (p. 135)

Nesse trecho, Machado de Assis apresenta a verdadeira natureza dos sentimentos de Seixas, sentimentos esses que ele guarda apenas para si e que são captados pelo amigo de maneira completamente diversa porque Seixas, ao retribuir o abraço que Marques, tem “uma expressão de bem-aventurança”, o que deixa Marques com a sensação de que aquele bem-estar do amigo se deve a ele. As atitudes de Seixas nada deixam transparecer do seu verdadeiro



sentimento, que é um misto de repugnância por José Marques, mas também um contentamento enorme pela notícia recebida; a sua ascensão está certa, ele conseguiu o que tanto desejava, tornar-se sócio de seu patrão. Marques capta essa expressão de bem-aventurança como de gratidão pelos seus esforços para que o amigo pudesse conseguir o que tanto almejava.

Daí deriva a ironia que o leitor encontra neste trecho, que, conforme explicita o Dicionário Aurélio: é o modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo. O leitor participa dos dois pontos de vista, já que Machado nos revela sempre os pensamentos de Seixas, mas ao mesmo tempo não nos deixa saber o que realmente pensa Marques.

Entretanto, a morte da esposa de José Marques veio apertar mais os laços que uniam os dois amigos, porque José Marques, não tendo mais nenhum pretexto para estar em casa algumas vezes, habitava mais a de Seixas que a sua.

Um dia liquidou o negócio, despediu-se da praça, e foi o mais triste dia da vida de Seixas.

José Marques não vivia em outra parte: era sempre na loja em casa do pai de Elvira. (p. 141)

“O mais triste dia da vida de Seixas”: sem ser exatamente exagerado, Machado vai dando mostras dos sentimentos de Seixas em relação ao “amigo”, a cada novo acontecimento de sua vida que tenha relação com a de Marques. O favor estava feito, ele acreditava já ter feito o suficiente pelo amigo, como agradecimento pelo bem que ele lhe fizera pagando-lhe um almoço e arrumando-lhe um emprego, então por que ainda tinha de se manter preso a ele? Por que o outro não o deixava em paz? Por que insistia nessa relação de proximidade e de constância? O aborrecimento de Seixas é patente, mas mesmo assim o outro não consegue ou não quer sentir o que o outro sente. Em diálogos com outras pessoas, Marques sempre falava do bem que fizera a Seixas. Sobre essas situações, o narrador conta:

Às vezes acontecia, no meio deste diálogo, surgir ao longe a figura de Seixas, a qual, ou desaparecia na primeira esquina, quando era possível fazê-lo, ou apressava o



passo ao acercar-se do grupo, de maneira que passasse por ele, sem outra interrupção mais que um cumprimento de chapéu.

– Vem cá, Seixas! dizia José Marques neste último caso.

– Vou com pressa; até logo!

José Marques ficava a olhar para ele, e dizia ao outro:

– Sempre na labutação! É um homem de truz. (p.142)

Nesse trecho, vem também a incerteza sobre a personalidade de Marques. Era mesmo um homem inteligente? Fazia-se passar por simplório para poder usufruir da única amizade que conquistou, à custa de uma ajuda e muita insistência, durante a vida? Não era mesmo capaz de sentir que Seixas não o queria por perto, não gostava tanto dele assim a ponto de não lhe dar atenção? São dúvidas que Machado prefere não responder ou talvez apenas narrasse o conto sem se preocupar em dar mais detalhes sobre quem era realmente Marques. Mas mesmo assim é possível inferir que Marques era um ser simples de alma. Mostrando essa atitude simplória, ele chegou a pedir a Seixas a mão de sua filha, seu maior bem, a quem ele desejava tudo o de melhor:

— Peço-te Elvira.

Seixas não caiu das nuvens, porque já vinha a meio caminho: mas ficou consternado. A consternação era uma prova de simpatia, a última que ele lhe podia dar. A idéia de Jose Marques parecia-lhe que frisava com a demência. Depois da consternação teve vontade de rir: mas conteve-se. Conteve-se, levantou os ombros, e não respondeu ao pretendente; nem o poderia fazer se quisesse, porque este entregara-se todo a uma descrição vivíssima do afeto que a moça lhe inspirava, e da ambição que tinha de a fazer feliz. (p. 142)

A ironia é dita ou pensada, exteriorizada em palavras ou gestos. Machado de Assis faz seus personagens serem simplórios ou egoístas ao conferir-lhes falas ou gestos dissimulados que traduzem suas almas, suas ambições, seus mais íntimos desejos.

Desse modo, a representação de mundo, em *Um almoço*, é construída, como já visto no resumo feito no capítulo anterior, a partir de um encontro que conduz dois antigos amigos a um almoço. Um só momento, que dura o tempo de um almoço, determina a relação entre os dois personagens por toda a vida. O conto mostra uma relação, a princípio, normal, corriqueira: dois



amigos, um encontro, uma reaproximação, um convívio fraterno, a princípio, amigável que acaba por se tornar insuportável para um dos personagens pelas exigências do outro. Resumindo, Machado fala do alto custo de um favor.

O personagem José Marques – o salvador – se apresenta com falas pouco inteligentes e sem grande perspicácia, deixando uma impressão de simploriedade. Ao mesmo tempo, quando fala do ato “heróico” que praticou, finge modéstia, pois tem o objetivo de atrair para si a simpatia geral e o reconhecimento do feito. Com o passar do tempo, esse comportamento gera uma insuportável intolerância por parte de Seixas. A repetição constante da quase tragédia e de seu desfecho torna-lhe a vida um inferno.

O conto segue num crescendo: exigências de um lado e intolerância que aumenta dia a dia de outro. José Marques, por levar uma vida de pouco convívio social – “casado; mas só ia à casa jantar e dormir” –, apegou-se à sua “criação”, obra de sua “enorme generosidade”. A amizade e a gratidão de Seixas passam a ser a razão de ser de sua vida, de sua própria existência, um motivo de orgulho e de júbilo acima de qualquer outra coisa. Ao fim de *Um almoço* morre José Marques, e Seixas, com viagem marcada à Europa, incomoda-se com essa morte “fora de hora”, chegando a dizer, sem pesar ou mágoa, que “a terra lhe seja leve”. Ele se sente aliviado, já que nunca havia conhecido pessoa mais chata sobre a face da terra.

A partir do primeiro encontro, que é, na verdade, um reencontro, a história narra um pouco das vidas dos personagens antes dele – essa narração é crucial para que o leitor se situe dentro da história –, e a continuação dessa amizade na sequência ao almoço. Tudo é feito com um propósito: o de mostrar o que se tinha antes daquele almoço, o que se ganhou a partir dele, e o preço a ser pago depois.



Os dois personagens ganharam e perderam durante seu período de convivência: a princípio, Seixas usufrui da amizade de Marques e tira daí ganhos enormes. É Marques quem indica Seixas ao Sr. Madureira, que se torna seu patrão e seu futuro sócio. Marques “Chamou Germano ao escritório, e aí lhe ofereceu um lugar de guarda-livros em casa de um seu amigo”; um lugar na sociedade, condições para compor a família que já tinha, mas não podia manter junto de si, por falta de dinheiro. Depois disso, “(...) Seixas resolveu definitivamente trazer para sua companhia a filha Elvira e a sua mãe.”

Marques não escondia de ninguém que tinha Seixas como amigo, pelo contrário, fazia questão de ressaltar sempre diante dos outros a amizade dos dois. Ele abriu portas para Seixas, que, inteligentemente, soube aproveitar as oportunidades para crescer, para prosperar. Tudo isso adveio do encontro, ou melhor, do almoço que Marques lhe pagou, o infortúnio foi, naquele instante, transformado em nova e próspera vida.

Marques, por sua vez, também obteve lucros com a amizade de Seixas. Seixas o recebia em casa, a contragosto – o que é notório pelas várias passagens do conto que narra a insatisfação e angústia que o amigo tinha ao vê-lo –, mas o recebia em casa, e até mesmo o convidava para algumas reuniões. Ou seja, Marques teve, a partir do encontro com Seixas, alguém com quem conviver, alguém de quem falar, e, por fim, alguém que o acolhe em casa, para que ele pudesse passar seus últimos anos de vida já que havia perdido a mulher e se encontrava em situação financeira de decadência. Seixas, então, foi a única pessoa com que ele podia contar, que, de uma forma ou outra, estava por perto e cuidava dele.

– Vai jantar.
– Vou, vou.
E foi.

Durante o jantar fez uma saúde única, ao dono da casa, felicitando-se pela parte que o seu coração tinha naquela festa de família. (p. 139)



Ele se incluía na família de Seixas como seu verdadeiro membro, sentindo-se parte dela. Machado dá indicações implícitas e explícitas de que Marques tinha poucos amigos, nenhum que fosse “verdadeiro”, como deveria ser, para esse personagem, o Seixas, já que lhe salvara a vida. Tinha apenas a mulher em casa, casa a que, aliás, nas próprias palavras do narrador, ele “só ia para jantar e dormir”, sendo assim adotar a família de Seixas como sua parecia-lhe perfeitamente natural.

Também quando a mulher de Marques adoece e ele pede que a esposa de Seixas fique com ela, há a certeza da grande proximidade que Marques sente em relação a Seixas. Há algo de familiar neste pedido – familiar com o sentido de que há coisas que se pedem somente a pessoas da família – que é feito quase que como uma ordem, como uma obrigação, que Seixas é incapaz de recusar:

Sua mulher não pôde negar o que lhe pedia José Marques, alegando razoavelmente que não tinha mais pessoa da família.

Seixas foi obrigado a lá deixar a mulher e a filha, e a voltar só para casa.

Por fim, depois que sua mulher morreu, Marques se encontra sempre na loja ou em casa de Seixas, chegando ao cúmulo de pensar em se casar com a filha do amigo, proposta que chegou a concretizar, como já dito, mais uma vez relembrando ou cobrando a Seixas o grande favor que lhe fizera um dia. “Dá cá esses ossos! (...) Eu restituí-te a vida um dia; tu vais restituir-me a felicidade doméstica.”, diz Marques ao fazer, para Seixas, a ridícula proposta. Essa proposta, é claro, foi rejeitada por Seixas e, mais do que isso, foi considerada absurda pelo pai da moça.

A relação de amizade de Marques e Seixas está no centro de toda representação ideológica (cf. Althusser, 2003) da narrativa. É uma relação, que, de imaginária – criada na cabeça de José Marques –, é transportada para o mundo real/fictício do conto. É nesta relação que



está a “causa” que deve dar conta da deformação da representação ideológica de realidade. É a *natureza imaginária* desta relação que sustenta toda a deformação da narrativa e mostra um fator ideológico preponderante no conto: o ser humano como um mero produto de seus anseios e desejos e do meio em que vive, também permeado de ideologia.

A ideologia se mostra, por exemplo, no fato de Marques se sentir no direito de cobrar reconhecimento eterno de Seixas, pelo favor feito. Isso reflete uma prática social comum: se um salva a vida do outro, ele lhe deve reconhecimento. Por outro lado, dando continuidade ao paralelo entre os dois personagens, há o conflito constituído por uma outra maneira de pensar o favor feito: como uma dádiva, um presente, como uma maneira de se “fazer o bem sem olhar a quem” o que, conforme o ensinamento bíblico, seria o correto, seria a obrigação cristã de um ser humano para com outro ser humano.

Não é comum fazer citações desse tipo no capítulo de análise, mas serve bem aqui a comparação dos fatos acima com o que diz a Bíblia:

Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, qual é a vossa recompensa? Até os pecadores fazem isso. E se emprestais àqueles de quem esperais receber, qual é a vossa recompensa? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Amai, porém os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nenhuma paga: será grande o vosso galardão e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus. (Lucas 6, 33 a 35)

Pensando dessa maneira, o favor feito não admite cobrança, sob pena de acabar-lhe com o mérito. Essa acepção do vocábulo “favor” é, inclusive, registrada no dicionário Houaiss Eletrônico: “algo que se faz para alguém de graça, sem se ter essa obrigação”. Acima do favor, está o amor. Não esperar recompensa, fazer apenas por amor, o amor ensinado por Jesus Cristo em sua passagem pela terra:

E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.



O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, ...”
(Coríntios 1, 13, 4 e 5)

Exercitar esse amor requer desprendimento, o que se nota no texto é que Marques sente-se envaidecido pela amizade, pelo ato praticado, o que não combina de maneira alguma com o que se espera de um gesto cristão e amoroso. Machado de Assis mostra, desse modo, que o mundo não é regido pelo amor, pelo desprendimento, mas pelo egoísmo, pelo amor-próprio. Nesse aspecto, cada um por seu lado, Marques e Seixas se irmanam: ambos são egoisticamente estimulados. Um quer tirar proveito do bem que fez ao outro e o outro quer levar sua vida sem se lembrar do bem que o primeiro lhe fizera, sem a intromissão deste, sem corresponder-lhe às expectativas de gratidão.

A narrativa discorre de modo a não deixar claro qual dos dois personagens tem razão: Marques ou Seixas. Mas, de algum modo, afirmando o oposto, ou fazendo os personagens pensarem o oposto do que dizem, o narrador ironicamente aponta a visão de ambos como inadequadas ao que, por motivos éticos e morais, deveria acontecer de fato. A visão de um parece ser abuso por causa de um favor feito, e a do outro dá ares de ser falta de gratidão. Tomemos, por exemplo, os seguintes trechos:

Agora, sim! Estás outro! Exclamava ele. Olhem-me essas bochechas! Quem diria que são as mesmas faces encovadas e amarelas daquele pobre Seixas do ano passado? Não te vexes de ser gordo, homem!
– Pois eu havia de vexar-me? Murmurava o guarda-livros.
– Parece! Está assim não sei como (...)
– São os teus olhos!
E logo que se separavam:
– É insuportável este Marques, dizia Seixas consigo; é um verdadeiro língua-de-trapos!
(p. 134)

A falta de paciência com o amigo, a demonstração da falta de capacidade de suportar os incômodos da amizade entre eles é a certeza de Machado sobre a natureza humana, somos humanos, temos limites, ser bom com uma constância sem fim é algo em que não se pode



acreditar. Ser capaz de suportar durante um longo tempo o desgosto causado por Marques, parece algo humanamente impossível, mesmo depois do favor feito em um momento crucial de sua vida, o texto revela um Seixas egoísta, chegando a ser insensível mesmo.

Por ocasião de seu casamento, Seixas se “esquece” de convidar Marques para padrinho, só depois lembrando-se desse detalhe quando, ao convidar seu sócio Madureira, ele o faz se lembrar de Marques, e a seu pedido o convida: “(...) sendo padrinhos Marques e Madureira. A princípio Seixas só se lembrara do segundo; mas este fez-lhe ver que era conveniente convidar igualmente José Marques.”

A certeza da dívida e a certeza do pagamento faziam com que José Marques fosse, inúmeras vezes demasiado inconveniente e simplório. Seixas não o queria por perto e se esquecia, como por ocasião do casamento, de convidá-lo para os momentos importantes de sua vida. Ainda assim Marques mostrava não entender os implícitos:

José Marques, entretanto, era-lhe cada vez mais afeiçoado, e fazia-o sentir com franqueza. Nunca lhe pedia favores; exigia-os e era justo, porque o salvara da morte. Nem por isso Seixas o convidara um dia de anos da filha. (...)
Não te convidei? (...) Admira-me que o digas, porque eu próprio escrevi uma carta... Não importa! Vai lá logo.
— Decerto que vou; mas sempre quis dizer-te...
— Fizeste bem.
— Sim, era realmente de espantar que tu me tratasses por esse modo. Podes ter defeitos; cada um de nós tem os seus; mas ingrato, não! Tu não és ingrato. (p. 138)

A ironia se mostra tanto na narrativa, quanto nas palavras dos personagens. Mostrando polidez, estes fingem e dizem uma coisa, enquanto pensam outra. Isso também pode ser considerado como hipocrisia. Já o narrador, utiliza o discurso indireto livre em “Nunca lhe pedia favores; exigia-os e era justo, porque o salvara da morte.”, tomando o que seriam palavras de Marques como se fossem suas, enquanto parece dizer exatamente o oposto: “Marques sempre exigia favores de Seixas, enquanto não deveria fazê-lo, pois o ajudou porque quis e agora cobra essa ajuda como se fosse uma dívida eterna. Isso não é justo”. Daí a ironia na narrativa.



Aquilo que o narrador vê não é o que ele mostra explicitamente como realidade vivida pelos seus personagens. Os personagens não enxergam uma realidade de pensamentos do outro. Os pensamentos mais íntimos dos personagens são expostos, suas vidas mostradas de maneira realista, algumas vezes de maneira até impiedosa, implacável. O que pode ser entendido como sentimentos puramente humanos e naturais, considerando-se certas características humanas como egoísmo, vaidade, presunção, mostra-se como sendo cordialidade e boa vontade. Isso ocorre, por exemplo, quando revelam-se os pensamentos de Seixas a respeito de José Marques, como se vê abaixo:

E logo que se separavam:
– É insuportável este Marques, dizia Seixas consigo; é um verdadeiro língua-de-trapos!(134)

Um só ponto negro havia: era José Marques, que (na opinião de Seixas) se constituíra seu eterno perseguidor. Seixas rememorava a cena do Passeio Público, até a chegada de José Marques; logo que José Marques entrava, ele desviava dali o pensamento como de um crime. Agora não podia vê-lo; padecia só com encará-lo. (p. 138)

Como já vimos no capítulo 2, os níveis de significação na linguagem podem ser, pelo menos dois: o do que está explícito e cuja transmissão é apresentada como sendo o objeto do discurso; e o(s) subjacente(s), que, sob o primeiro, se disfarça e só pode ser lido com base no conhecimento de que nem tudo é dito claramente em um texto. Esse é o nível dos implícitos (cf. Koch, 2002).

A narrativa machadiana se utiliza desses níveis de significação, para produzir o efeito de sentido de desvendamento da alma humana. O que há por trás dessa história aparentemente tão simples e descompromissada, é uma história que não é narrada e nem conhecida pelos outros personagens do conto. Talvez o que se passa nas mentes dos personagens principais nem mesmo seja sentido ou percebido por eles, um em relação ao outro. José Marques, por exemplo, até o fim do conto mostra-se como alguém que dá manifestações de sincera amizade a Seixas; e este,



embora muitas vezes impaciente, acaba acolhendo Marques, e deixando-o morar até o fim da vida em sua casa.

Enquanto José Marques é explícito, pensando e agindo como pensa, Seixas pensa de uma maneira e age de outra. Esse fato pode ser entendido como ironia nas atitudes e nos comportamentos de Seixas, especialmente no que toca a Marques. Mas nada se pode garantir em relação a Marques, que, algumas vezes, parece entrever a verdade dos sentimentos de Seixas em relação a ele e, ainda assim, continua agindo da mesma maneira: como se Seixas devesse ser eternamente grato a ele e por isso tivesse a obrigação de cuidar dele. Aí, de certo modo, também pode-se configurar um tipo de ironia. Além disso, Marques faz questão de se gabar de seu bom ato em relação a Seixas. Isso, tanto para o próprio Seixas, para lembrá-lo, quanto para os outros, para se vangloriar:

— Dá cá esses ossos! Exclamou. Eu restituí-te a vida um dia; tu vais restituir-me a felicidade doméstica. (p. 146)

(...)

— O Seixas? é o meu maior amigo; conhecemo-nos há longos anos; sempre o mesmo. Verdade é que de certo tempo em diante deve-me tudo.

— Sim? perguntava o interlocutor, qualquer que fosse.

— Tudo...

— Protegeste-o?

— Mais do isso!

— Mas, então?...

E se o interlocutor não insistia:

— Aqui em reserva; o Seixas esteve um dia para matar-se.

— Que me diz?

— A pura verdade. Fui eu que o salvei; dando-lhe algum dinheiro e o lugar em casa de Madureira.

— Estou pasmado!

— Mas, também honra lhe seja feita. Nunca se esqueceu de meus benefícios; nunca! (p. 141-142)

Entre o dizer e o mostrar, entre as palavras e os gestos, o narrador vai desnudando seus personagens pouco a pouco, revelando os sentimentos de inveja, de falsidade, de bondade. Uma palavra dita aqui, outra dita ali formam o alicerce da construção das personalidades dos



personagens, as dicas tão necessárias ao leitor para que ele se situe e desvende os mistérios da história narrada.

Há um ditado popular, já citado acima, que diz: “Fazei o bem sem olhar a quem”. Ditado este que parece ter seus fundamentos na Bíblia, e no Cristianismo: “Amai ao próximo como a ti mesmo”. Mas o fato narrado no conto *Um almoço* é bem diferente. Ele mostra um “caso vulgaríssimo”, nas palavras do próprio Machado de Assis – e vulgaríssimo, aqui, parece significar comum, corriqueiro – de egoísmo, arrogância, soberba e imodéstia. José Marques demonstra, na verdade, em vez do sentimento altruísta, uma admiração infundável pelo próprio mérito, um excesso de amor-próprio.

Logo após fazer um favor a um antigo conhecido, que chama pelo primeiro nome – “Oh! Germano!” –, com tom de intimidade, ele dá início às cobranças. Isso, sem dar a mínima para o que sente Seixas, para o fato de ele, depois de um tempo, sentir vergonha de já ter passado por estado tão crítico a ponto de pensar em suicídio. Quase que imediatamente depois do favor prestado, Marques começa a exigir que o favorecido o reconheça como o grande salvador de sua vida. Ele sente-se o dono, o possuidor daquela vida que ele salvou e, não se contentando apenas com a gratidão do amigo, almeja o reconhecimento público para seu ato de “amor puro e desinteressado ao próximo”, como sendo de grandioso heroísmo público aquilo que deveria ficar na esfera do particular, no campo da discrição. Ela passa, então, a contar o ocorrido a todos que encontra e dá ênfase a seu ato de heroísmo, já que é assim que ele se vê.

Continuando a comparação com o que prega o cristianismo, tem-se as palavras nas quais parece se basear Marques em suas cobranças:

A benignidade é dom de Deus, que podemos desenvolver seguindo o exemplo de Cristo e sendo ajudados pelo Espírito Santo. A benignidade não é uma teoria, mas uma ação prática, que coloca o outro numa posição superior à nossa. Amai-vos cordialmente



uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros (Romanos, 12.10).

Quando ele fez o bem, pagando o almoço ao amigo e afastando deste a idéia do suicídio, ele se sentiu numa posição superior à de Seixas e, por isso, com direito de cobrar. Parece que a parte do discurso religioso que lhe ficou foi essa, enquanto, na verdade, a cobrança mostra que ele não apresentou nobreza de sentimentos, pureza de intenções de apenas praticar o bem por amor ao amigo. Fica a dúvida de se o que há é pura inocência da parte desse personagem ou uma atitude proposital de enaltecer-se, já que sua vida também não é grandes coisas. Ele não é um homem de grandes dons, que cativa por sua personalidade, cultura, maneira de pensar e parece que a única coisa boa que fez foi a Seixas, no dia do almoço. Também não vive de modo pomposo: “José Marques quase não convivia com outras pessoas, além da família de Seixas. Era casado: mas só ia à casa jantar e dormir.” (p.139).

Não se conhecem, portanto, as intenções por trás da atitude de Marques e não se pode afirmar que o que ele fez já fez com o intuito de cobrar futuramente o bem que causou, para, mais tarde, usufruir a benevolência oriunda da gratidão pelo favor prestado em momento tão dramático da vida de Seixas. Durante a narrativa, muitas vezes, fica-se sem saber se Marques salvara Seixas no dia do fatídico almoço ou se salvara a si mesmo de uma vida sem méritos e paixões. É possível que tenha feito as duas coisas. Fato é que, depois daquele dia, ele pôde ao menos contar a façanha de ter salvado uma vida. O que lhe trouxe auto-admiração e que lhe concedia, a seu ver, o direito de se gabar aos outros.

A personalidade de José Marques não mostra alterações durante toda a narrativa, mas Germano Seixas, que, de início, falava com demonstrações de gratidão, passa a se comportar cada vez mais sem vontade e sem paciência com aquele que se instala em sua vida como seu salvador. O que de início é falado parece ser também sentido por Seixas. Mas a palavra amigo, a



partir do meio do conto, é apenas repetida por José Marques, que a alia à falsa modéstia – porque ardente e desejosa de reconhecimento e elogios, numa conversa com Madureira, Marques conta o episódio do almoço e Madureira lhe diz: ”Praticaste uma boa ação, Marques. – Oh!... não falemos nisso.” (p.130) Essa falsa modéstia, aliada também à simploriedade, constrói um personagem de natureza ambígua, duvidosa. Até que ponto ele está sendo sincero ou não quando fala com o “amigo” e sobre ele?

O princípio moral da ajuda sem esperar retorno, inscrito no ditado popular é trabalhado no conto de forma pessimista: não há bem que se faça sem que se peça algo de volta. A partir do momento em que Germano paga o almoço que salva a vida Seixas, este se torna devedor de uma obrigação impagável, já que uma vida não tem preço. Não há dinheiro que recompense a gratidão que se deve sentir pelo que fez o maior favor a um ser humano: aquele que lhe devolveu a vida. Construindo a partir daí os efeitos de sentido do conto, o narrador situa o envolvimento entre os amigos que, do simples conhecimento, toma proporções de familiaridade absoluta, passando José Marques, no final, a habitar a casa de Germano Seixas.

O diálogo que se trava entre os personagens é sempre de cobranças de um lado e desculpas de outro. A constante cobrança, por vezes direta, aparece nos diálogos travados entre Seixas e o amigo. Outras vezes, ele fala sozinho ou pensa, e seus pensamentos revelam vontades escondidas, desejos secretos de liberdade e raiva contra o amigo.

A organização do texto segue uma cronologia fácil de acompanhar. Uma única vez ele se volta para o passado para explicar a situação de penúria vivida por Seixas quando José Marques o encontra no Passeio Público. Uma de suas estratégias de construção de sentidos tem como base a interação. Machado de Assis usa recursos lingüísticos que criam uma atmosfera de proximidade quando trata o leitor de amigo: “Sim, leitor amigo, ...” (p. 122) Desse modo, o



narrador puxa o leitor para junto de si, conferindo à narrativa um efeito de sentido de intimidade para narrar a sua história. Com isso, ele provoca a adesão do leitor ao que é narrado (cf. Koch, 2004).

As palavras e expressões utilizadas pelo autor na composição do conto em questão, com a habilidade técnica que é comum a Machado, dentro do contexto histórico e social da época, são um recurso lingüístico muito rico. Faz parte dessa marcante estratégia de construção de sentidos, a repetição de palavras. As palavras-tema: “amigo” e “gratidão”, sinônimas delas ou adjetivadas aparecem em quase todas as páginas. Durante toda a narrativa, o conto reforça constantemente essas palavras – amigo e gratidão –, que são postas nas bocas dos dois personagens e repetidas à exaustão por José Marques até o final do conto, que marca também o fim de sua vida.

A adjetivação é uma dos traços de construção de sentidos na narrativa, que intensifica as sensações e os momentos vividos pelos dois personagens: seixas quando se refere a si mesmo longo no início do conto diz: “Sou chegado a uma terrível situação, desesperada e morta.” (p. 123) numa conversa entre Marques e Madureira, o patrão de Seixas, esse diz: “Excelente, ao menos por ora a impressão é esta.” Seguido de Marques, que complementa: “E continuará a sê-lo. Zeloso, cortês, inteligente...” (p. 129). Com essa técnica, o narrador remete o leitor ao cerne da história, fazendo-o se aproximar dos personagens para uma convivência mais íntima com eles. No entanto, todos esses adjetivos parecem não condizer com o temperamento reservado de Seixas, que, por fim, parece não ter mais tempo nem paciência para as necessidades de atenção de Marques. Vai, então, se desenhando um quadro de crescente irritação por parte de Seixas que usa palavras ásperas, que nunca são ditas diretamente para o amigo, mas apenas pensadas ou ditas à



sua família. Percebe-se que se constrói aí, o efeito de sentido do que poderia ser considerado hipocrisia: Seixas sente uma coisa, mas faz outra.

Machado constrói o texto de modo a mostrar uma determinada realidade: ele expõe fatos. Essa exposição, no entanto, traz marcas lingüísticas da construção dos sentidos. Uma dessas marcas é a atitude dos próprios personagens, como vem sendo mostrado até aqui. Em *Um almoço*, os protagonistas – Seixas e José Marques – têm sua vida mental desnudada. Ela é narrada: o que os personagens não expressam verbalmente o narrador “mostra”. Esse “mostrar” a maneira de agir paralelamente à maneira de pensar é que se constitui, talvez, na maior marca de ironia do conto.

A gratidão que Seixas sente por ter sua vida salva naquele dia, naquele encontro, é uma dívida que poderia ser paga com alguns momentos de atenção e de dedicação. Não mais que isso. Já José Marques sente que as vidas de ambos estão presas uma à outra para sempre. Como pudemos perceber ao longo deste estudo, ele não aceita ou sequer percebe o fato de Seixas – então transformado por ele em “amigo” – acreditar que não lhe deve mais nada. Afinal ele lhe salvara a vida, na verdade, lhe dera a vida de volta, de forma que Seixas lhe deve tudo e tudo será lembrado e cobrado sempre. Marques insiste, a todo o momento, que o “amigo” o recompense com afeto, com dedicação, com atenção e, principalmente, com aquela gratidão que só um verdadeiro amigo pode sentir. Esta, acima de tudo, afinal, ele lhe salvara a vida e Seixas é um homem grato, eternamente grato, acredita José Marques. Seixas deve estar sempre consciente do benefício recebido, sendo vida afora reconhecido ao amigo que o salvou da morte certa.

Para ilustrar isso, vejamos os trechos abaixo, em que se mostram as palavras de Marques sobre Seixas, com um exagero que lhe é peculiar:

– Um amigo que vale por dez homens. Anda daí! (p. 124)



- Sou amigo, não? Perguntou Marques rindo.
- Imenso!
- Um bom amigo, não é?
- Excelente.
- Amigo para ocasiões, porque isto de fazer obséquios em circunstâncias ordinárias não é grande mérito. O mérito é fazê-los nas ocasiões graves e solenes. (p. 127)
- A verdadeira paga do benefício é a gratidão do beneficiado.
- Não há outra, opinou Madureira. Infelizmente, são raros os agradecidos.
- Raríssimos, confirmou José Marques. Eu, pela minha parte, tenho visto poucos. Mas não me engano com aquele. O Seixas nunca se há de esquecer de mim. Nem é fácil. Tu eras capaz de esquecer um homem que te desse a vida e o pão? (p. 130)
- O Seixas? é o meu maior amigo; conhecemo-nos há longos anos; sempre o mesmo. Verdade é que de certo tempo em diante deve-me tudo.(p. 141)

A crença de Marques a respeito de Seixas pode ser interpretada como uma ironia do ponto de vista da narrativa: ele age como se acreditasse na gratidão eterna e na boa vontade de Seixas e fala dessa eterna e desmedida gratidão. No fundo, entretanto, parece saber que não é assim que ocorre. O narrador trata de deixar essa impressão pelo exagero de suas palavras.

É pelo estranhamento quanto ao que é dito que o leitor pode chegar aos implícitos. O texto traz marcas de que há algo a mais a ser entendido, além do que é propriamente dito, explicitado. Nas palavras de Marques e de Seixas, entrevê-se a hipocrisia, mas essa hipocrisia não é revelada para um e para outro, mas para o leitor, que, nas entrelinhas do texto, pela ironia utilizada, pode subentendê-la.



CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

Uma das tantas leituras possíveis do conto analisado pode ser crítica, buscando na narrativa as marcas da autoria, o que também pode ser feito comparando textos do mesmo autor. Para isso, devem-se considerar aquelas marcas que parecem revelar o ponto de vista do autor em relação à realidade social da época e do local em que ele escreveu o texto. É preciso ter em conta também que não se pode reduzir o método de leitura a uma única estratégia, é necessário ler um texto sob vários ângulos, enxergar que são diversas as leituras possíveis. A que se faz aqui é apenas uma delas.

Do mesmo modo como se devem considerar as condições de produção do texto, deve-se ter em conta que o leitor também apresenta suas condições de produção da leitura. A historicidade do texto é importante, mas para construir sentidos na leitura, compreender o papel desempenhado pelo leitor é fundamental. Aí, “o que o autor quis dizer” não conta, mas qual a significação do texto, quais são os sentidos que o leitor pode construir a partir de sua leitura. O



leitor interage com o texto e, por meio dele, com o autor. Seja esse leitor apenas um curioso ou seja ele um estudioso, ele traz consigo uma bagagem de vivências – educacional, literária, social, política –, o que o ajudará na construção de dados sentidos e não de outros para a leitura de um texto.

No conto em questão, as reflexões podem partir de vários pontos, um deles é o do lado humano, de que devemos nos ajudar mutuamente, disso depende nossa sobrevivência aqui na Terra. Outro, não muito distinto deste, pode ser o pensamento cristão: somos todos filhos de Deus, portanto, devemos seguir os ensinamentos da Bíblia, como o mandamento que diz “amai o próximo como a ti mesmo”. Outro, ainda, pode ser o psicológico, em que buscar-se-ia entender os motivos que levam Seixas e Marques a agirem como agem. Uma quarta maneira de se ler *Um almoço* é utilizando-se a Lingüística, a Semântica-Discursiva, feita aqui. Essa maneira lingüística tem em conta tudo o que foi citado acima. A polissemia existente no texto não permite que ele, sob essa perspectiva semântico-discursiva, seja encarado por um prisma apenas. Desse modo, a visão do texto é mais abrangente e a leitura considerada amplamente.

Se Machado apenas queria narrar um fato corriqueiro, como ele mesmo o chama, vulgaríssimo, não podemos responder. O autor não está aqui para revelar isso. De qualquer modo, a linguagem não é neutra e imparcial e o que temos de fazer com um texto é lê-lo. Essa leitura depende de nosso conhecimento de mundo, de nossa própria historicidade e da historicidade da linguagem e não, necessariamente, do que o autor quis dizer ou deixou de dizer, mas do que ele disse e até do que ele não disse explicitamente, mas deixou implícito. Foi isso que se buscou fazer neste trabalho.

Procurou-se, a partir do texto, fazer uma análise semântica das palavras escritas. O entendimento dado ao texto foi o alcançado com os recursos disponíveis, seja de capacidade de



leitura, de entendimento, de vivência, de leituras anteriores, de conhecimento de boa parte dos textos machadianos. Seja como for, é uma tentativa, dentre tantas outras – incluindo as leituras de renomados autores –, de perscrutar uma pequena parte deste conto de Machado. Machado, o escritor que nos encanta e delicia com suas narrativas.

Machado é merecidamente reverenciado e reconhecido por sua maneira de escrever. Pessimismo e ironia, determinismo e acaso – ambos marcados no texto como num paradoxo –, frustração dos personagens e do leitor como expectativa previsível no texto, impossibilidade de conhecer a verdade – que, no caso de *Um almoço* se faz tanto da parte do leitor quanto dos personagens –, egoísmo como motivador dos atos humanos, comportamentos que funcionam como máscaras de faces que podem mesmo não existir. Tudo isso pode ser visto em *Um almoço*. A linguagem, nesse caso, retomando Bakhtin (op. cit.), reflete e refrata o pensamento humano e suas ações. Daí o fato de nada se poder afirmar categoricamente sobre o conto. O que podemos dizer é que ele traz marcas lingüísticas que apontam para um fato ou outro.

Machado de Assis ainda é lido com interesse, estudado à exaustão. Muitos são os que buscam compreendê-lo como homem e como escritor. Novas leituras são feitas todos os dias, mesmo depois de mais de um século entre o que ele deixou como legado e a leitura feita com interesse. Talvez isso se deva ao fato de que seus textos, com todas as características relacionadas acima, falam da alma humana, perscrutam a sua essência e nos indicam terem chegado ao fundo do que é possível escrever sobre o ser humano. Encerrando este estudo, ficam as palavras de Machado de Assis, que parecem resumir bem a narração: “A verdadeira paga do benefício é a gratidão do beneficiado” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.130).



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec: 11 ed. São Paulo, 2004.

BOSI, Alfredo; Garbuglio, José Carlos; Curvello, Mario; Facioli Valentim. *Machado de Assis*.

São Paulo: Ática, 1982.



BUARQUE, Aurélio, *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

FAVOR in, Houaiss, *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. 2001.

IRONIA In, Houaiss, *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. 2001.

_____, BUARQUE, Aurélio, *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. HOUAISS, *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. 2001.

ANEXO

Cópia do conto *Um almoço*, de Machado de Assis.

A manhã era das mais puras, frescas e transparentes manhãs do nosso inverno. Não havia sequer um retalho de neblina; o céu estava azul e nu, o sol pacato, a temperatura deliciosa. O Passeio Público convidava a ir gozar ali um pouco de ar e meia hora de silêncio, por isso mesmo estava deserto. Deserto, não. Havia ali um passeador matinal, um só, mas justamente o único de que precisamos para este caso vulgaríssimo.

Chamava-se este passeador Germano Seixas, homem de quarenta e dois anos, mal trajado, pálido e abatido. A passo lento ia ele, cabisbaixo e triste, por uma das alamedas fora, desandando o caminho logo que chegava ao fim, parando a espaços, fitando uma coisa no ar, uma coisa invisível que podia ser um problema ou um consoante, e era nada menos que esse dilema nu e cru: comer ou morrer.

Sim, leitor amigo, Germano Seixas não come há vinte e quatro horas, e acha-se atualmente entre um almoço problemático e um suicídio certo. O estômago e a eternidade o solicitam com igual persistência. Ele cogita, indaga, esmerila a possibilidade de acudir às urgências do estômago; mas nada vê, nada sequer o ilude.

Numa das vezes que voltava a andar, viu surgir-lhe em frente um sujeito conhecido; quis esconder o rosto, mas não pôde. Era tarde.

— Oh! Germano! disse o novo passeante, que fazes aqui a esta hora?

— Eu?... eu...

— Eu quê?

— Ando tomando fresco...

— Pois está calor?

— Talvez... creio que sim...

— Ora essa! Eu ia agora passando pela rua, vi-te a filosofar e entrei. Há quantos meses não nos vemos?

— Uns oito, talvez...



— Upa! Há mais. Mas, enfim, oito ou dez, não importa.

O novo personagem era um sujeito cheio, trajado com limpeza ainda que sem gosto, corado, satisfeito, em paz com a natureza. Apesar de ser ainda muito cedo, trazia um palito na boca, sinal de que almoçara.

Seu nome era José Marques.

Germano olhava para o palito, com que José Marques brincava — olhar de inveja e desespero. Mas o dono do palito não dava por isso; extraía a boceta do bolso e tomava uma pitada.

— Queres?

Uma pitada a um que deseja um bife é certamente a mais pungente ironia do mundo. Germano nem teve ânimo de falar; recusou com um gesto.

— Que tens, homem? disse José Marques; acho-te assim um pouco...

Parou.

Seixas olhou para ele, para o chão, para as grades, para os bambus, e só depois destes círculos e retas murmurou a medo:

— Marques, eu estou... estou...

— Estás? Acaba.

— Adeus!

E deu alguns passos.

— Onde vais? clamou José Marques acompanhando-o.

— Para a eternidade!

José Marques alcançou o infeliz deitando-lhe a mão à aba da sobrecasaca. Germano não resistiu, mas não pôde encará-lo.

— Que é isso, homem? disse José Marques com ar de amigável repreensão. Morrer! Pois és tão fraco, tão covarde...

— Não é covardia, é miséria, é fome. Ouve-me. Desde ontem não como nada. Sou chegado a uma terrível situação, desesperada e morta. Minha vida tem sido uma luta impossível com a fatalidade; já não posso lutar; sucumbo.



Você pode impedir que hoje me atire à morte, mas amanhã, mas depois, um dia há de vir em que o meu destino tem de cumprir-se.

José Marques ouviu enfiado a narrativa de Germano. Olhou para ele, e leu no rosto o comentário das palavras. A fome e o suicídio davam-se as mãos naqueles olhos encovados e desvaírados. José Marques achou em si um bom sentimento, que exprimiu em tom rude:

— Ora vamos! Não sejas tolo! Um homem deve ser superior à fortuna, sem o que não pode ser homem. É preciso contar com a Providência...

— A Providência! interrompeu Germano.

— Sim, porque foi ela que me mandou aqui. Um almoço! Pois a gente mata-se por um almoço! Anda comigo; eu lutarei com a tua sorte, e vencê-la-emos.

Seixas sentiu-se enternecido ao ouvir aquelas palavras de José Marques. Aceitou a mão que este lhe estendeu e apertou-a entre as suas. Na pálpebra fatigada fulgiu uma lágrima de gratidão.

— Marques! exclamou ele com a voz trêmula. Ainda tenho um amigo.

— Um amigo que vale por dez homens. Anda daí!

Marques puxou-o pelo braço e os dois saíram do Passeio Público. Em caminho, Germano referiu a José Marques todos os seus infortúnios daqueles dez ou doze meses. Era um fio interminável de desgraças e contratempos; tentara todos os meios de vida ao alcance de suas habilitações, havendo-se em todos com mais fervor que fortuna; ultimamente servira de guarda-livros em uma loja de São Cristóvão, que faliu quinze dias depois de lá entrar. Vivia afinal de empréstimos e fiados. Mas isso mesmo cessou; a ponto de achar-se entre a vida e a morte naquela funesta manhã.

José Marques ouviu a narração do amigo sinceramente comovido. Interrompia-o para lhe dar ânimo e confiança.

— Agora as coisas mudam, dizia ele; eu vou corrigir tudo isso.

Entraram num hotel, onde Germano almoçou razoavelmente, combinando quanto possível a discrição com as exigências do estômago. Os empregados notaram a intimidade de Marques com o maltrapilho, e acharam



singular que se tuteassem dois homens, um dos quais parecia não ter o preconceito do lenço de assoar. Mas, ao cabo de tudo, como o almoço era farto e a paga certa, serviram a Germano com a mesma solícitude com que o fariam a outro freguês mais apurado.

No corredor do hotel, Germano disse a José Marques:

— Deste-me a vida; sinto agora que era uma loucura o que ia fazer. Com que expressões te agradecerei tamanho benefício?

— Ora, adeus, redargüiu José Marques. Vou daqui à praça. Aparece daqui a duas horas no armazém.

— Sim.

— Onde moras?

— No Beco do Cotovelo.

— Bem; vai ao armazém daqui a duas horas.

II

Duas horas depois Germano entrava no armazém de José Marques. A esperança iluminava os olhos, até pouco antes sombreados de suicídio. Não obstante, entrou constrangido e envergonhado.

José Marques manteve a palavra e desempenhou o papel que a Providência lhe confiara naquela manhã. Chamou Germano ao escritório, e aí lhe ofereceu um lugar de guarda-livros em casa de um seu amigo.

— Aceitas?

— Se aceito!

— Pois estás arranjado.

— Mas... como...

— Não digas nada! Não quero ouvir observações nem dar explicações. Achei-te hoje à beira da morte por falta de um almoço; dei-te o almoço. Mas como a situação pode repetir-se amanhã ou depois, ou em outro qualquer dia ofereço-te, dou-te agora uma coleção de almoços, que te hão de livrar da morte!



José Marques disse isto batendo-lhe com a mão no ombro, e rindo do ar acanhado de Germano, que não sabia se havia de olhar para ele, se para o chão.

— Sou amigo, não? perguntou Marques rindo.

— Imenso!

— Um bom amigo, não é?

— Excelente.

— Amigo para as ocasiões, porque isto de fazer obséquios em circunstâncias ordinárias não é grande mérito. O mérito é fazê-los nas ocasiões graves e solenes.

— Justamente.

— Por exemplo, esta. Vi-te de longe triste e cabisbaixo; entrei; soube que a causa da tua tristeza era não teres comido ontem. Imediatamente acudi às duas precisões que tinhas; comer logo alguma coisa, e obter um emprego...

— É verdade, meu bom Marques, disse Germano; vejo que ainda te lembras de mim, que apesar da minha miséria...

— Qual, miséria!

— Vejo que, embora maltrapilho...

— Maltrapilho! exclamou José Marques inspecionando a roupa do amigo. Não estás finamente vestido, mas... mas precisas de mudar isso... é verdade, precisas...

— Irei ganhar o meu primeiro mês.

— Oh! não te presentes assim em casa do Madureira. Chama-se Madureira o dono da casa para ondes vais. Não te presentes assim que não te há de acreditar.

— Entretanto...

— Arranjaremos roupa; não se há de perder a viagem por falta de uma vela latina...



José Marques riu-se da graça que achou em si próprio, empregando aquela imagem náutica, e levou o amigo a uma casa de roupa, à Rua do Hospício, onde lhe abriu um razoável crédito. Não se sabe o *quantum*; mas o novo guarda-livros não ousou ir além de uma andaina de roupa, não só porque tinha vergonha de abusar dos obséquios de José Marques, como porque, examinando casualmente um segundo paletó, viu o dono da casa menos solícito do que quando ele escolheu o primeiro. Que importa? Um paletó bastava para trinta dias; rigorosamente sobrava.

Despedidos os dois, encaminhou-se Seixas para o Beco do Cotovelo, com a roupa debaixo do braço, e a alma nadando em gratidão.

— Oh! dizia ele consigo, há ainda almas generosas neste mundo! A caridade, a afeição, os bons sentimentos não fugiram dele. Nobre Marques! Não se envergonhou de apertar a mão e ajudar a um antigo companheiro de balcão, menos feliz que ele! Menos feliz, muito menos! Ele está bem, pode liquidar, se quiser, ao passo que eu não tenho para comer. O que são destinos! Deus queira que isto agora não seja simples aragem de fortuna. Farei o que puder, e é a última experiência; se falhar...

O pensamento não ousou concluir a frase.

No dia seguinte apresentou-se Seixas em casa de Madureira e tomou posse do cargo. O patrão simpatizou desde logo com o guarda-livros, ou foi talvez prevenido pela narração que José Marques lhe fizera de seus infortúnios. O certo é que o tratou com excepcional benevolência, correspondendo Seixas desde logo e estabelecendo-se entre ambos uma amizade, que devia aproveitar mais tarde ao ex-suicida do Passeio Público.

— Então, que tal parece o Seixas? Perguntava José Marques três dias depois a Madureira.

— Um excelente homem!

— Não é verdade?

— Excelente; ao menos por ora a impressão é esta.

— E continuará a sê-lo.

— Zeloso, cortês, inteligente...



— Verás; é uma pérola. Se não fosse eu, talvez a esta hora...

— Pobre rapaz!

— Já te contei que o salvei da morte?

— Já, já.

— Pois é verdade, se passo ali meia hora depois, era homem morto.

— Praticaste uma boa ação, Marques.

— Oh!... Não falemos nisso.

— E podes crer que ele te é grato. Ainda hoje, perguntando-lhe eu, à mesa do almoço, se te conhecia há muitos anos, falou de tí com um entusiasmo! um ardor!...

— Sim?

— Não imaginas.

José Marques não escondeu, nem procurou fazê-lo, a boa impressão que lhe causara a notícia de Madureira. Afagou as barbas, abotoou e desabotoou o paletó, enfim expectorou este aforismo:

— A verdadeira paga do benefício é a gratidão do beneficiado.

— Não há outra, opinou Madureira. Infelizmente, são raros os agradecidos.

— Raríssimos, confirmou José Marques. Eu, pela minha parte, tenho visto poucos. Mas não me engano com aquele. O Seixas nunca se há de esquecer de mim. Nem é fácil. Tu eras capaz de esquecer um homem que te desse a vida e o pão?

— Nunca.

— Pois!

No fim do mês Seixas foi ter com José Marques para lhe dizer que amortizara parte da dívida contraída na loja de roupa. Havendo algumas pessoas presentes, não quis ele dizer logo ao que vinha; José Marques apressou-se a chamá-lo de parte, onde lhe ouviu a boa notícia.

— Não havia pressa, observou ele.



— Convém pagar quanto antes. Todas as dívidas devem ser pagas; esta mais depressa que as outras, porque é preciso desempenhar a tua honrada palavra, e ao mesmo tempo mostrar que não lançaste a semente do benefício em terra estéril...

— Quem te diz isso, homem? Estás contente com o Madureira?

— Estou.

— Também ele contigo.

— Sim? Tanto melhor.

— Agora, é fazeres por ser bom cavalheiro. Eu digo de ti o que devo e mereces, porque não entendo que a prova de amizade consista somente em certos benefícios. Nem só de pão vive o homem. Vive de pão e de crédito. O Madureira sabe o que és e o que vales.

— Obrigado, Marques! disse Seixas estendendo-lhe a mão.

— Onde vais?

— Vou à casa.

— Espera um pouco...

— Se puderes dispensar-me era favor.

— Tens algum negócio urgente?

— Urgentíssimo.

Seixas saiu e dirigiu-se para o Beco do Cotovelo, entrou em casa e lá ficou até o dia seguinte. Era noite; ocupou-se em apurar um assunto de que trataremos no capítulo seguinte.

III

Seixas não fora sempre combatido da fortuna. Tempo houve em que a cidade o viu brilhar entre os elegantes de calças cor de flor de alecrim. Dotado de aceitável figura, de uns olhos insinuantes e vivos, feriu alguns corações ingênuos, que em vão esperaram o bálsamo matrimonial. Muitos deles recorreram a outros; alguns ainda esperam boticário próprio. Um desses, em despeito das posturas canônicas e civis, aceitou os conselhos de Seixas, curandeiro de má



morte, que transviou o irrefletido coração, de que tudo resultou uma menina gentil como os amores. A menina e a mãe viviam em casa de uma velha parenta, casa que Seixas freqüentou algum tempo, mas de onde o arredaram os lances da fortuna.

Na véspera do dia em que José Marques o encontrou no Passeio Público, Seixas fora ver a sua Elvirinha, criança de quinze anos, de quem se despediu com lágrimas, no meio de grande espanto da *mais família*, que não atinou logo com a causa daquela aflição. Era a despedida da morte. Arrancado a tempo do fatal abismo em que ia cair, Seixas lembrava-se agora da filha, e sonhava uma família e uma casa. O sonho não combinava muito com a realidade. Seixas compreendia perfeitamente que a sua sorte era ainda mais precária que os recursos. Mas ao mesmo tempo uma esperança vaga lhe falava no coração, voz consoladora ou pérfida, a última felicidade dos desamparados. Era esta voz que lhe contava antecipadamente as alegrias do futuro, dizendo-lhe à guisa das feiticeiras de Macbeth: — Tu serás sócio do Madureira!

A predição não era extravagante. Madureira tratava-o com tamanha benevolência e distinção, que a idéia de o fazer seu sócio podia nascer-lhe um dia de manhã, sem pasmo para ninguém.

Seixas não falou nisso a José Marques. Ia vê-lo todas as semanas, falavam de várias coisas, mas nunca daquela esperança acariciada no peito do guarda-livros.

As visitas de Seixas a José Marques, hebdomadárias durante os primeiros três meses, passaram a ser quinzenais, depois mensais, depois casuais. Seixas melhorara a olhos vistos, nas cores e no vestuário. Logo que pôde contraiu de novo o vício do charuto, deixado algum tempo antes do projeto do suicídio. José Marques folgava em contemplá-lo... Nunca houve joalheiro que olhasse com mais amor e desvanecimento para uma obra sua. Dir-se-ia que ele o inventara.

— Agora, sim! estás outro! exclamava ele. Olhem-me estas bochechas! Quem diria que são as mesmas faces encovadas e amarelas daquele pobre Seixas do ano passado? Não te vexes de ser gordo, homem!

— Pois eu havia de vexar-me? murmurava o guarda-livros.

— Parece! estás assim não sei como...



— São os teus olhos!

E logo que se separavam:

— É insuportável este Marques, dizia Seixas consigo; é um verdadeiro língua-de-trapo!

Um dia José Marques foi ter com Seixas, a pedir-lhe para entrar de irmão em uma ordem terceira.

— Não sei se posso agora fazê-lo, disse este; meus recursos...

— Não são muitos, mas espero que me não recuses isso; é um benefício para ti...

Seixas cedeu; José Marques contou mais um argumento para o caso das vantagens dadas pelo compromisso da ordem em favor dos que lá metessem certo número de irmãos. No mesmo dia em que Seixas foi proposto e admitido, José Marques procurou-o em casa, que já não era no Beco do Cotovelo, mas na Rua dos Barbonos.

— Com que então, tens pouco recursos? disse ele logo que entrou.

— Bem o sabes.

— Maganão!

— Que queres dizer com isso?

— Velhaco!

— Mas...

— Pelíntra!

— Acaba!

— Ainda em cima dissimulado! Já não tens em mim um amigo na vida e na morte; esquivas-me; desprezas-me...

— Explica-te.

— Não sabes nada? Não sabes que o Madureira...

— Que tem?



– Vejo que ignoras tudo. Pois fica sabendo que ele quer dar-te interesse na casa...

– O Madureira?

– Disse-mo hoje. Escuso acrescentar que o aprovei em tudo e por tudo... Estás contente? Dá cá esses ossos.

José Marques abriu os braços a Seixas, que o chegou ao peito com a mesma ternura com que abraçaria um jacaré. Mas, alegrando-o a notícia, havia em seu rosto uma expressão de bem-aventurança que o amigo saboreou deliciosamente.

– Quando eu dizia que havíamos de vencer a sorte! exclamou José Marques.

Seixas não se deu por achado, a primeira vez que esteve com Madureira; nem perdeu com isso. Daí a dias, Madureira comunicou-lhe o projeto, que o outro ouviu com o reconhecimento próprio da ocasião.

Afigurando-se-lhe mais propícia a estrela, Seixas resolveu definitivamente trazer para sua companhia a filha Elvira e sua mãe. Antes de o fazer, expôs todo o seu passado a Madureira, e comunicou a intenção que tinha de consagrar pelas bênçãos da Igreja as relações que o coração atara entre ele e a senhora D. Lúcia do Carmo. Aprovou-o o negociante. Assim se fez, e um mês depois recebiam-se os dois na igreja da Candelária, sendo padrinhos Marques e Madureira. A princípio Seixas só se lembrara do segundo; mas este fez-lhe ver que era conveniente convidar igualmente José Marques. O guarda-livros cedeu, e o casamento celebrou-se, não sabendo os convidados qual dos dois era o noivo, se Germano Seixas, se José Marques, tão alegre andava este naquela noite.

A noiva tinha um ar de sogra; mas a alegria não a podia haver mais juvenil. Após longos anos de desamparo e aflições, via-se enfim constituída em família. É certo que o devia menos ao próprio mérito do que ao amor que Seixas tinha à filha e ao desejo de lhe deixar um nome, e, se pudesse ser, algum pecúlio. Qualquer que fosse, porém, a causa eficiente, era feliz e isso lhe bastava.

Assim postas as coisas e as pessoas, vejamos agora os sucessos, que põem termo a esta curta, mas substancial narrativa.



Os meses correram com a velocidade que só se sente de certa idade em diante, quando a velhice nos acena de mais perto e as cãs começam a povoar a cabeça e a barba.

Correram os meses, e mais depressa correu Madureira para a sepultura, aonde baixou em certa manhã de setembro, depois de três dias de moléstias. Já então Seixas era seu sócio. Aberto o testamento, viu-se que o defunto, não tendo parente, dispunha alguns legados e instituiu seu herdeiro universal o feliz pai de Elvira. Este e José Marques eram nomeados testamentários.

Seixas sentiu a morte do sócio e protetor; mas é força confessar que a herança lhe suavizou grandemente a mágoa. É esse um dos bons efeitos das heranças. Seixas conheceu pela última vez a grande alma de Madureira.

Vê o leitor que estamos longe do dia em que Seixas, cansado de esperar o almoço, resolvera ir comê-lo na eternidade. Agora era um comerciante apatacado e conceituado. Tinha família. Quando ele pensava nisso sentia um tremor nervoso como de quem recorda o terremoto de que escapou; mas ao mesmo tempo comprazia-se em recordar que de baixo subira tanto. Um só ponto negro havia: era José Marques, que (na opinião de Seixas) se constituíra seu eterno perseguidor. Seixas rememorava a cena do Passeio Público, até a chegada de José Marques; logo que José Marques entrava, ele desviava dali o pensamento como de um crime. Agora não podia vê-lo; padecia só com encará-lo.

José Marques, entretanto, era-lhe cada vez mais afeiçoado, e fazia-o sentir com franqueza. Nunca lhe pedia favores; exigia-os, e era justo, porque o salvara da morte. Nem por isso Seixas o convidara um dia de anos da filha. Quando José Marques soube disso ficou consternado. Não se deteve; foi dizer-lho. Seixas recorreu ao meio mais vulgar e usado entre todos.

— Não te convidei? disse ele. Admira-me que o digas, porque eu próprio escrevi uma carta... Não importa! Vai lá logo.

— Decerto que vou; mas sempre quis dizer-te...

— Fizeste bem.



— Sim, era realmente de espantar que tu me tratasses por esse modo. Podes ter defeitos; cada um de nós tem os seus; mas ingrato, não! tu não és ingrato.

— Pois!

— Não és. A que horas?

— Vai jantar.

— Vou, vou.

E foi.

Durante o jantar fez uma saúde única, ao dono da casa, felicitando-se pela parte que o seu coração tinha naquela festa de família. Não foi adiante, mas disse o suficiente para fazer empalidecer o pai de Elvira.

Logo que ele se despediu, à meia-noite, Seixas disse à mulher:

— É o homem mais aborrecido que tenho visto em minha vida!

— Por quê? Não me pareceu.

— Não o conheces.

— Parece até amável comigo e com Elvira.

— Isso pode ser; mas sempre te digo que nunca vi nada pior!

José Marques quase não convivia com outras pessoas, além da família Seixas. Era casado; mas só ia à casa jantar e dormir. Alguns meses depois do jantar de anos de Elvira adoeceu-lhe a mulher; Seixas não a foi visitar logo. Sabendo, porém, que a doente estava à morte, não teve remédio senão ir lá uma noite.

— Creio que está perdida, disse José Marques ao amigo.

— Pobre senhora!

— Obrigado, Seixas — disse José Marques com um suspiro. Vejo que és o mesmo amigo de outro tempo. Queria pedir-te uma coisa; tua senhora podia ficar estas últimas noites com minha mulher?

Seixas ficou gelado.



— Eu sei! Ela anda também tão achacada!

— Não parece.

— Anda.

— Mas, enfim, não está de cama. Vou pedir-lhe.

Seixas não teve tempo de exprimir a segunda objeção que já lhe dançava nos lábios. Sua mulher não pôde negar o que lhe pedia José Marques, alegando razoavelmente que não tinha mais pessoa da família.

Seixas foi obrigado a lá deixar a mulher e a filha, e a voltar só para casa.

— Os diabos o levem! exclamava ele descendo as escadas de José Marques. Isto é um suplício! Isto é... um inferno! É tudo porque me fez um dia... o que faria qualquer outro que ali passasse e soubesse da minha posição. O mundo não é um covil de tigres: a filantropia não veio só de encomenda para ele. Já não o posso tolerar.

A mulher de José Marques faleceu no fim de três dias. Como essa morte restituía a Seixas a mulher e a filha, pode-se dizer que o antigo sócio de Madureira gastou sem grande pena os doze mil-réis do carro em que foi acompanhar a defunta ao cemitério.

Entretanto, a morte da esposa de José Marques veio apertar mais os laços que uniam os dois amigos, porque José Marques, não tendo mais nenhum pretexto para estar em casa algumas vezes, habitava mais a de Seixas que a sua.

Um dia liquidou o negócio, despediu-se da praça, e foi o mais triste dia da vida de Seixas.

José Marques não vivia em outra parte: era sempre na loja ou em casa do pai de Elvira. Esta e a mãe achavam-no agradável, e ele fazia o mais que podia para não contrariar essa impressão. Seixas, porém, padecia (dizia ele) as dores cruciantes de um inferno. Não lhe falava horas e horas; às vezes nem olhava para ele. Se ria, e José Marques se aproximava, fechava logo o rosto, com o mesmo ar como se lhe dissesse: — Meu caro, não me rio para ti; tu aborreces-me; deves tê-lo compreendido; salvo, se és tolo, e o és na verdade.



Nada viu, porém, José Marques. Ele estava tão certo da amizade do outro, que o proclamava em toda a parte:

– O Seixas? é o meu maior amigo; conhecemo-nos há longos anos; sempre o mesmo. Verdade é que de certo tempo em diante deve-me tudo.

– Sim? perguntava o interlocutor, qualquer que fosse.

– Tudo...

– Protegeste-o?

– Mais do que isso!

– Mas... então?...

E se o interlocutor não insistia:

– Aqui em reserva; o Seixas esteve um dia para matar-se.

– Que me diz?

– A pura verdade. Fui eu que o salvei; dando-lhe algum dinheiro e o lugar em casa de Madureira.

– Estou pasmado!

– Mas, também honra lhe seja feita. Nunca se esqueceu de meus benefícios; nunca!

Às vezes acontecia, no meio deste diálogo, surgir ao longe a figura de Seixas, a qual, ou desaparecia na primeira esquina, quando era possível fazê-lo, ou apressava o passo ao acercar-se do grupo, de maneira que passasse por ele, sem outra interrupção mais que um cumprimento de chapéu.

– Vem cá, Seixas! dizia José Marques neste último caso.

– Vou com pressa; até logo!

José Marques ficava a olhar para ele, e dizia ao outro:

– Sempre na labutação! é um homem de truz.

– Oh! lá isso é!

– Bom pai de família... Não, senhor, não me arrependo do benefício que lhe fiz.



Seixas, entretanto, andava cogitando nos meios da fazer uma viagem à Europa. Não se pode dizer que José Marques fosse a causa disso; mas nas vantagens da viagem, entrava a da ausência deste. Uma só dificuldade havia; era o casamento de Elvira.

Elvira, a filha de Seixas, era na verdade uma herdeira graciosíssima, que ainda não sabia haver-se com as cassas e as sedas de que a vestiam, ela, que passara os primeiros anos envolvida em chita, algumas vezes rota. Mas era mulher, bonita e vaidosa; depressa se acostumou às exigências da nova posição. Tinha uns olhos e uns cabelos, negros como a noite escura, uns olhos que traziam desvairados outros da mesma e de outras cores. Mas só dois olhos eram felizes; eram os olhos do novo guarda-livros da casa do pai. Este empregado amava tanto a filha do patrão, como o leitor ama a rainha Pomaré; a faculdade mestra de sua organização era a do negócio. Viu em Elvira uma herdeira bonita, e atirou-se a ela; nada mais.

Seixas percebeu o namoro e aprovou-o mentalmente; esperava que o rapaz a pedisse para consentir logo; mas este hesitava ainda, ou receoso do resultado, ou desejoso de fortalecer mais a sua posição. Não foi ele, porém, o único ferido pela seta do amor. José Marques sentiu-se igualmente tocado da misteriosa arma. Velhote ainda fresco e bem disposto, não pôde nem quis resistir ao ferimento, nem levou a autora à polícia; rendeu-se-lhe aos pés. Elvira deu pela vítima antes mesmo que esta desse por si. É privilégio comum a todas as mulheres. Um homem, quando acontece ser amado por uma senhora, sem iniciativa dele, quase precisa que lhe vão levar a notícia à casa; a mulher é a primeira que vê incêndio na casa do vizinho.

Viu Elvira o incêndio e deixou-o arder. José Marques, porém, foi pedir à moça um pouco de aguada da sua benevolência para atalhar o mal. Vê a leitora que estamos em pleno *pays du tendre*. Não lhe pediu ele com a boca, mas com os olhos; Elvira entendeu e riu. Ele pensou que o riso era afirmação e levantou as mãos ao céu.

— Quem diria que aquela santa seria tão cedo substituída! exclamou José Marques dentro de si.



Depois cogitou. Cogitou e hesitou. Hesitou, mas venceu, isto é, dispôs-se a casar.

— Dirão muita coisa de mim, pensou ele; mas hão de levar em conta as verduras de uma mocidade prolongada.

Verduras!

Assim disposto, convencido e resoluto, foi José Marques ter com o Seixas.

— Tenho uma coisa para te pedir, disse ele.

— Fala.

— Uma coisa séria.

— Pois fala!

— Muito séria. Que pensas de mim?

— O que penso?

— Sim; que te parece a minha idade?

— Respeitável.

— Justamente: uma idade respeitável, isto é, não caio de maduro.

— Oh! nem eu!

— Nem tu. De maneira que se te dissessem que eu me ia casar, não te admiravas?

— Casar!

— Responde.

Seixas hesitou um instante.

— Não me parece, disse ele, que a coisa fosse de todo desarrazoada. Devo, contudo, dizer-te que não posso ser padrinho... Ando agora muito ocupado.

José Marques sorriu à socapa.

— Nem é para isso que te convúdo.



— Ah!

— Convido-te para coisa melhor; convido-te para pai.

— Pai!

— Pai da noiva.

— Pai da noiva!

José Marques abriu os braços.

— Dá cá esses ossos! exclamou. Eu restitui-te a vida um dia; tu vais restituir-me a felicidade doméstica.

Seixas começava a ter umas suspeitas da realidade.

— Explica-te! disse ele.

— Peço-te a Elvira.

Seixas não caiu das nuvens, porque já vinha a meio caminho; mas ficou consternado. A consternação era uma prova de simpatia, a última que ele lhe podia dar. A ideia de José Marques parecia-lhe que frisava com a demência. Depois da consternação teve vontade de rir; mas conteve-se. Conteve-se, levantou os ombros, e não respondeu ao pretendente; nem o poderia fazer se quisesse, porque este entregara-se todo a uma descrição vivíssima do afeto que a moça lhe inspirava, e da ambição que tinha de a fazer feliz.

— Meu caro Marques, disse enfim o pai de Elvira, serei franco. Não te posso dar minha filha.

— Não?

— Não posso.

— Mas por quê?

— Tenho outras ideias.

— Será possível? Parece-me contudo que... Estás brincando, decerto.

— Não estou; destino-a a outro.



— Quem quer que seja, meus direitos são anteriores aos dele, porque esse com certeza não te deu nunca provas de amizade, pelo menos do quilate das que te dei.

Seixas, levantou os ombros segunda vez, com tal expressão, que não havia duvidar. José Marques ficou abatido. Murmurou um queixume, que o outro ouviu assobiando, e despediu-se.

— Um homem a quem dei o pão! dizia ele ao entrar em sua casa.

No dia seguinte recebeu uma carta atenciosa e quase amigável de Seixas, pedindo-lhe desculpa de não poder consentir no que ele pedida, pelo motivo já exposto, acrescentando que Elvira não aceitara o casamento com ele; protestavam, no entanto, a sua eterna amizade, esperando que o incidente não romperia as relações que entre ambos existiam. A carta era inspirada pela mulher de Seixas que não desejava magoar o pobre velho. José Marques leu-a e enterneceu-se. Escreveu logo uma resposta longa e amistosa; mas resolveu afastar-se da casa de Seixas durante algum tempo.

Sabendo, dois meses depois, que Elvira ia casar, sentiu-se picado de despeito, e abriu-se com alguns amigos censurando o casamento, e dizendo que alguém podia haver com direitos mais sólidos e antigos que os do guarda-livros.

Logo que Elvira casou, voltou ele a freqüentar a casa de Seixas, onde jantava freqüentemente e passava a maior parte do dia. Seixas já mal podia tolerá-lo. Os meses passaram, depois os anos; a velhice foi tornando José Marques pouco andarilho. A casa de Seixas era já a sua habitação usual. Ninguém o via comer em outra parte.

— Não tenho filhos nem mulher, dizia ele; vocês serão a minha família.

Seixas não respondia nada.

— Sabes que mais? disse José Marques um dia; estou com minhas cócegas de vir morar para aqui.

— A casa é pequena.

— Qual! Eu acomodo-me bem num canto. Podia ir morar com outro; mas, confesso, ninguém me merece tanto como tu, nem há amigo com quem eu possa falar com esta liberdade que uso contigo... Eu considero-te, por assim



dizer, uma obra minha; e estou certo de que não és mais amigo de outro. Sei que és grato, que não te esqueces nunca um benefício.

Foi morar com a família de Seixas. O que este sentia não era já aborrecimento, era ódio. Deu-lhe um quarto escuro, em um recanto da casa, onde José Marques se acomodou. Seixas recebia em casa alguns amigos, que ali iam jogar o voltarete ou palestrar. Se faltava um parceiro, José Marques era convidado a supri-lo, mas nada mais. Nem por isso lhe dava o melhor lugar à mesa do chá, onde ninguém fazia caso dele. José Marques, entretanto, não se fartava de elogiá-lo como homem grato, a quem ele matara a fome e salvara da morte.

— É um benefício de que nunca me hei de esquecer, acrescentava ele.

Um dia adoeceu, mas tão infelizmente que já não tinha nada do que possuía, em consequência do incêndio de duas casas, da morte de alguns escravos e da falência da companhia de que ele tinha duzentas ações. Acrescentou a esta desgraça, estar Seixas preparado para uma viagem à Europa. José Marques foi para o hospital de sua ordem, onde faleceu. Seixas, que ainda não havia embarcado, mandou dizer uma missa, não sei se pelo repouso do defunto, se em ação de graças. O coração não falou, mas pensou isto:

— Morreu um dos homens mais insuportáveis que tenho conhecido. A terra lhe seja leve!